Aspectos etnozoológicos relacionados com a Umbanda Nagô

Vladimir Stolzenberg Torres[1]

[1]Secretaria Municipal do Meio Ambiente e Sustentabilidade Prefeitura Municipal de Porto Alegre

Resumo

As sociedades humanas utilizam animais para uma miríade de fins materiais e espirituais. Um exemplo de seu uso em uma religião contexto é encontrado nos sistemas de crença derivados do Brasil. A Umbanda Nagô uma religião afro-brasileira inclui vários usos mágicos e litúrgicos dos animais. Este trabalho inventariou as espécies utilizadas pelos adeptos e analisou o seu contexto simbólico e mágico. Os dados foram obtidos em templos de Umbanda Nagô na cidade de Porto Alegre, estado do Rio Grande do Sul. Foram identificadas e registradas trinta e três espécies, integrando dezessete famílias com a predominância de Cypraeidae, Megalobulimidae, e Ostreidae, todas com quatro espécies, seguidas de Bovidae, Pimelodidae e Volutidae com três espécies.

Palavras-chave: Etnozoologia. Sistemas simbólicos. Animais. Religião afrobrasileiro.

Ethnozoological aspects related to Umbanda Nagô

Abstract

Human societies utilize animals for myriad material and spiritual ends. An example of their use in a religious context found in Brazil's African-derived belief systems. Umbanda Nagô, an Afro-Brazilian religion includes various magical and liturgical uses of animals. This work inventoried the species utilized by adherents and to analyzed their symbolic and magical context. Data were obtained from Umbanda Nagô temples in Porto Alegre city, in the state of Rio Grande do Sul. Thirty - three species were identified and recorded, comprising seventeen families with the predominance of Cypraeidae, Megalobulimidae, and Ostreidae, all with four species, followed by Bovidae, Pimelodidae and Volutidae with three species.

Keywords: Ethnozoology. Symbolic systems. Animals. Afro-Brazilians religion.

Introdução

A expressão "religiosidade de matriz africana" designa, na atualidade, uma grande variedade de ritos, (re)criados no Brasil pelos africanos e seus descendestes, no contexto de amplos contatos inter étnicos dos povos da costa ocidental africana, falantes de yorubá que se volta para o culto dos Orixás e se inspira na tradição nagô (SILVA, 2006). Prandi (2005), por sua vez, afirma que depois de ter passado por inúmeras mudanças e de ter se propagado por todo o país, adentrando todos os diferentes segmentos sociais, as religiões afrobrasileiras ainda conseguem conservar a imagem de culto de mistérios e segredos, o que muitas vezes resulta em uma idéia de perigo e risco no imaginário popular.

De acordo com Wilson (1989) os seres humanos possuem uma conexão emocional inata (portanto, genética) com as demais espécies da Terra. O conjunto complexo de interações que as culturas humanas mantêm com os animais pode ser abordado por meio de diferentes recortes científicos, a depender da linha teórica considerada (BEGOSSI, 1993).

No Brasil, o uso de animais na prática místico-religiosa mescla-se com aspectos e elementos do catolicismo popular, das culturas indígenas, africanas e europeias. Um dos seus princípios é a cura de doenças físicas e espirituais, sendo baseada no tratamento do corpo com o uso destes e de plantas terapêuticas (ALVES et al., 2010).

Na Igreja Católica, São Francisco de Assis surge como protetor dos animais; porém, tal atributo não é transferido para os rituais de matriz africana quando se realiza o sincretismo. Na grande maioria dos rituais, este santo católico encontra-se sincretizado com Xangô, sem que se conheça deste Orixá, qualquer identidade com animais. Na visão do Babalorixá Roberto de Xangô (com. pes.) e da Yalorixá Patricia de Yemanjá (com. pes.) existiria um sincretismo entre este santo católico e um Orixá citado na Umbanda como Simiromba – etimologicamente quer dizer Frade!

Ainda nesta linha africanista, tem-se, através dos mitos, que os cães pertenceriam ao Orixá Ogum, conforme citado por Rocha (2001). Muitos mitos apontam Oxóssi como irmão de Ogum e como o Orixá Caçador. Sendo caçador, admite-se ser interessante que proteja as populações animais para que nunca falte alimento, ou animais de sacrifício.

Oxóssi é o provedor das comunidades. É com ele que se aprende que a caça deve ocorrer para alimentar a sociedade e, assim, deve ter caráter sagrado, de

manutenção da humanidade, sem maus-tratos e sem carnificinas desnecessárias. Pela preservação das florestas, o grande caçador trará sempre fartura e prosperidade para os lares daqueles que as respeitam (BOTELHO, 2007).

O presente estudo teve como objetivo identificar, a luz das ferramentas conceituais da análise de discurso e do etnoconhecimento, as espécies animais associadas às práticas de um ritual de matriz africana, identificado como Umbanda Nagô, por meio da obtenção de informações sobre os mesmos e seu uso ritualístico.

Materiais e métodos

Os estudos foram levados a cabo ao longo de dezoito anos de participação nas atividades religiosas desta bacia afro, suplementada por consultas aos Babalorixás e Yalorixás de quatro dos oito Templos de Umbanda Nagô (TUN) conhecidos, todos localizados em Porto Alegre.

Foi utilizado um conjunto de observações mediadas por questionamentos, quando necessário, com vistas ao inventário e tabulação do uso específico e indicativo das espécies animais.

As denominações científicas seguem o regramento estabelecido pelo Código Internacional de Nomenclatura Zoológica. Para Mollusca, utilizou-se os estudos de Agudo-Padrón (2011 e 2015), e Léo-Neto et al. (2012), com posterior revisão, no que tange às espécies marinhas, através do Banco de Dados Worms – World Register of Marine Species, disponível on line em <http://www.marinespecies.org/index.php>. A nomenclatura foi balizada através do Banco de Dados Itis Report, disponível on line em <http://www.itis.gov/>, com posterior confirmação específica para aves através do Avibase – the world bird database, disponível on line em <http://avibase.bsc-eoc.org/species.jsp?avibaseid=3749777E14C923E9>.

Resultados e discussão

A relação de animais é, inicialmente, expressa através da Tabela 1; posteriormente são comentados individualmente e se acresce a Tabela 2 com animais considerados como totêmicos por estarem associados aos entes espirituais.

Tabela 1. Animais reconhecidos e apropriados pelos rituais de Umbanda Nagô.

Nome popular	Nome científico	Família
Bovinos (doméstico)	*Bos taurus* Linnaeus, 1758	Bovidae
Búzios (Cauri)	*Cypraea moneta* Linnaeus, 1758	Cypraeidae
Búzios	*Monetaria annulus* (Linnaeus, 1758)	Cypraeidae
Búzio africano	*Monetaria caputserpentis* Linnaeus, 1758	Cypraeidae
Búzio imperial (gigante)	*Cypraea tigris* Linnaeus, 1758	Cypraeidae
Cágado	*Hydromedusa tectifera* Cope, 1870	Chelidae
Caprinos	*Capra hircus* Linnaeus, 1758	Bovidae
Caracol (Igbin ou ibí) – nativos	*Megalobulimus oblongus* Muller, 1774[1]	Megalobulimidae
Concha	*Gemophos auritulus* (Link, 1807)	Pisaniidae
Concha grande[4]	*Pachycymbiola brasiliana* (Lamarck, 1811)	Volutidae
Concha grande da Nanã	*Voluta ebraea* Linnaeus, 1758	Volutidae
Galinha d'Angola	*Numida meleagris* (Linnaeus, 1758)	Numididae
Galináceos	*Gallus gallus* (Linnaeus, 1758)	Phasianidae
Linguado	*Paralichthys* Girard, 1858	Paralichthyidae
Ovinos	*Ovis aries* Linnaeus, 1758	Bovidae
Ostra	*Crassostrea gigas* (Thunberg, 1793)[3]	Ostreidae
Peixes de couro	*Rhamdia quelen* (Quoy *et* Gaimard, 1824)[1]	Siluriformes: Pimelodidae
Peixes de escama	Actinopterygii	-.-.-
Pombos	*Columba livia* Gmelin, 1789	Columbidae
Suínos	*Sus scrofa* Linnaeus, 1758	Suidae

[1] No âmbito desta tabela, registra-se esta espécie como *Megalobulimus oblongus* Muller, 1774, sendo, entretanto, importante observar a discussão pertinente.
[2] No âmbito desta tabela, registra-se esta espécie como *Rhamdia quelen* (Quoy *et* Gaimard, 1824), mas é importante observar a discussão pertinente.
[3] No âmbito desta tabela, registra-se esta espécie como *Crassostrea gigas* (Thunberg, 1793), mas é importante observar a discussão pertinente.
[4] No âmbito desta tabela, registra-se esta espécie como *Pachycymbiola brasiliana* (Lamarck, 1811), mas é importante observar a discussão pertinente.

Paralichthys Girard, 1858 (figura 1) – surge no ritual nagô como uma quizila, não devendo ser consumido pelos adeptos. São conhecidas vinte e uma espécies deste gênero, a saber: *P. adspersus* (Steindachner, 1867), *P. aestuarius* Gilbert & Scofield, 1898, *P. albigutta* Jordan & Gilbert, 1882, *P. brasiliensis* (Ranzani, 1842), *P. californicus* (Ayres, 1859), *P. coeruleosticta* Steindachner, 1898, *P. delfini* Pequeño &

Plaza, 1987, *P. dentatus* (Linnaeus, 1766), *P. fernandezianus* Steindachner, 1903, *P. hilgendorfii* Steindachner, 1903, *P. isosceles* Jordan, 1891, *P. lethostigma* Jordan & Gilbert, 1884, *P. microps* (Günther, 1881), *P. olivaceus* (Temminck & Schlegel, 1846), *P. orbignyanus* (Valenciennes, 1842), *P. patagonicus* Jordan in Jordan & Goss, 1889, *P. schmitti* Ginsburg, 1933, *P. squamilentus* Jordan & Gilbert, 1882, *P. triocellatus* Miranda-Ribeiro, 1903, P. tropicus Ginsburg, 1933, e *P. woolmani* Jordan & Williams in Gilbert, 1897.



Foto: acervo pessoal do autor, 2019.

Figura 1. Exemplar de *Paralichthys* sp em aquário no museu do Centro de Estudos Climáticos, Limnológicos e Marinhos da UFRGS.

Actinopterygii – os peixes "escamados" são ofertados, costumeiramente, a Oxum e Yemanjá, enquanto animais de seus reinos e associando-se, conforme o Babalorixá Felipe de Ogum (com. pes.), a idéia de que os mesmos têm suas escamas associadas a espelhos e, neste caso, ao Abebé de Yemanjá em particular, embora possam igualmente ser associados ao de Oxum. Também, podem segundo este Babalaô, serem ofertados a Exu.

Rhamdia quelen (Quoy *et* Gaimard, 1824), popularmente conhecido como jundiá, trata-se de um peixe omnívoro, com tendência a piscívoro, e bentônico, especulador do substrato, se alimentando, dentre outras possibilidades, de insetos terrestres e aquáticos, crustáceos e restos vegetais, além de peixes como os lambaris. O jundiá é um peixe de couro, teleósteo muito encontrado em rios do interior do Rio Grande do Sul. Sacralizam-se peixes de couro ao Bará Lodê

(sincretizado com São Pedro – antes de se tornar um dos doze discípulos de Cristo, Simão Pedro era pescador), utilizando-se "escamados" em casos extremos de indisponibilidade dos primeiros! Por se tratar da espécie mais comumentemente encontrada, acaba por ser a mais utilizada. Entretanto, outras espécies poderão ser empregadas desde que atendendo os requisitos de serem peixes "de couro" e de águas doces, como *Pseudoplatystoma corruscans* (Spix *et* Agassiz, 1829), e *Steindachneridium scriptum* (Miranda Ribeiro, 1918).

A coloração do jundiá varia de marrom-avermelhado claro a cinza ardósia, com o ventre branco ou esbranquiçado. A pigmentação da parte inferior da cabeça é variável. Os barbilhões têm crescimento alométrico negativo e esta relação é provavelmente aumentada devido à grande possibilidade de danos nos exemplares de maiores tamanhos (SILFVERGRIP, 1996). É nativo da América do Sul e possui distribuição neotropical, sendo encontrado desde o centro da Argentina até o sul do México, cujo cultivo está aumentando no sul do Brasil. Destaca-se por ser uma das mais promissoras no cultivo por meio da Aquicultura, uma vez que apresenta rápido crescimento, fácil adaptação à criação intensiva, rústico, facilmente induzido à reprodução, com alta taxa de fecundação, possuindo ainda carne saborosa, com baixo teor de gordura e poucas espinhas. Animais mais velhos podem atingir 50 cm de comprimento e, mesmo, alcançar 3 kg de massa corpórea. Caracteriza-se por resistir bem ao frio do inverno e por crescer rápido no verão, sendo bem adaptado ao clima deste país (BORGES, 2005). Silfvergrip (1996) considera que *Rhamdia quelen* apresenta algo em torno de 49 sinonímias: *Silurus quadrimaculatus* Bloch, 1794, *Pimelodus quelen* Quoy & Gaimard, 1824, *Pimelodus sebae* G. Cuvier, 1829, *Heterobranchus sextentaculatus* Spix & Agassiz, 1829, *Pimelodus sapo* Valenciennes, 1835, *Pimelodus hilarii* Valenciennes, 1840, *Pimelodus pentlandii* Valenciennes, 1840, *Pimelodus stegelichii* Müller & Troschel, 1849, *Pimelodus sellonis* Müller & Troschel, 1849, *Pimelodus deppei* Müller & Troschel, 1849, *Pimelodus musculus* Müller & Troschel, 1849, *Pimelenotus vilsoni* Gill, 1858, *Pimelodus cinerascens* Günther, 1860, *Pimelodus guatemalensis* Günther, 1864, *Pimelodus wuchereri* Günther, 1864, *Pimelodus godmanni* Günther, 1864, *Pimelodus micropterus* Günther, 1864, *Pimelodus (Rhamdia) baronis* Mülleri, 1865, *Pimelodus wagneri*

Günther, 1868, *Rhamdia bransfordii* Gill, 1877, *Pimelodus (Rhamdia) parahybae* Steindachner, 1877, *Pimelodus (Rhamdia) queleni cúprea* Steindachner, 1877, *Pimelodus (Rhamdia) cuyabae* Steindachner, 1877, *Rhamdia oaxacae* Meek, 1902, *Rhamdia depressa* Barbour & Cole, 1906, *Rhamdia gilli* Starks, 1906, *Pimelodus boucardi* Regan, 1907, *Rhamdia barbata* Meek, 1907, *Rhamdia nasuta* Meek, 1909, *Rhamdia branneri* Haseman, 1911, *Rhamdia branneri voulezi* Haseman, 1911, *Rhamdia mounseyi* Regan, 1913, *Rhamdia riojae* Fowler, 1915, *Rhamdia micros* Eigenmann, 1917, *Rhamdia pubescens* Miranda Ribeiro, 1920, *Silurus rivularis* Larrañaga, 1923, *Rhamdia micayi* Eigenmann, 1924, *Rhamdia urichi* (Norman 1926) Mees 1974, *Rhamdia guatemalensis muriei* Hubbs, 1935, *Rhamdia guatemalensis decolor* Hubbs, 1936, *Rhamdia saijaensis* Rendahl, 1941, *Rhamdia sebae martyi* Güntert, 1942, *Rhamdia lehmanni* Dahl, 1961. São, ainda, referenciados por SILFVERGRIP (1996), como sinonímias: *Pimelodus nandia*, *Pimelodus sapipoca*, *Rhamdia beteracantha*, e *Rhamdia guatemalensis stygaaea*; espécies estas que embora possuam citações em alguns trabalhos localizados, não foi possível identificar a autoria das mesmas.

Além de *Rhamdia quelen* (Quoy *et* Gaimard, 1824), e dos alternativos *Pseudoplatystoma corruscans* (Spix *et* Agassiz, 1829), e *Steindachneridium scriptum* (Miranda Ribeiro, 1918), tem-se, ainda, como possibilidade, o catfish, *Ictalurus punctatus* (Rafinesque 1818) (Ictaluridae), uma espécie originária dos estados do Golfo do México e do Vale do Mississipi nos Estados Unidos (LEE, 1991) – figura 2.

O ritual de levantamento do peixe, como forma de homenagem ao Bará Lodê, se constitui, representativamente, na conclusão do Apoti Nagô (Bori de Quatro-pés no Jeje-Ijexá) ocasião em que é sacralizado a Lodê (figura 2). Neste sentido, a bacia Nagô expressa o que se julga ser uma influência da matriz Jeje-Ijexá, tanto pelo período em que é realizado (após o Apoti Nagô, Bori de Quatro-pés no Jeje-Ijexá), apesar das derivações naturais, como na espécie sacralizada, conforme se observa no ritual descrito pelo Babalorixá Denis de Bará (BARÁ, s/d).



Foto: acervo pessoal do autor, 2019.

Figura 2. Exemplar de *Ictalurus punctatus* (Rafinesque 1818), preparado como oferta ritualística de levantamento do peixe em homenagem ao Bará Lodê.

Columba livia Gmelin, 1789 – ave consagrada ao Orixá Oxalá. No ritual Nagô esta ave não é sacrificada, integrando ritual associado à Festa de Apoti, quando são libertados um casal de pombos brancos. Tais pombos pertencem a Oxalá e a Yemanjá. São conhecidas quinze subespécies e, não menos de oito variedades associadas a *Columba livia* Gmelin, 1789.

Gallus gallus (Linnaeus, 1758) – a galinha pertence ao grupo de aves galiformes e fasianídeas, sendo encontrada em todos os continentes do planeta, com mais de 24 bilhões de cabeças (FUMIHITO et al., 1996; PERRINS, 2003). A galinha "amarela", segundo o Babalorixá Marçal de Xangô (com. pes.) será sacralizada a Orixá Oxum. O Babalorixá Ricardo de Ogum (com. pes.), por sua vez, indica a galinha branca para ser sacralizada a Yemanjá. Galinhas vermelha e branca são sacralizadas, dentre outras ocasiões específicas, no trabalho de Apoti (já anteriormente comentado), costumeiramente ocorrente em junho, ou no trabalho de Agajô ocorrente em outubro. A galinha/galo vermelhos poderão ser sacralizados para o Orixá Xangô e/ou para o Orixá Ogum, enquanto a carijó o será em homenagem a Orixá Yansã ou ao Orixá Oxóssi, conforme consideração do Babalorixá Marçal de Xangô (com. pes.), segundo o qual, ainda, o Galo branco será

ofertado ao Orixá Oxalá. Além disto, galinhas/galos, conforme peculiaridades (especialmente de cor) poderão ser ofertados, primordialmente para Exús. Galinhas/galos "coió" (pescoço-pelado) serão ofertados, como regra geral, aos Exús.

Ovis aries Linnaeus, 1758 – as ovelhas são utilizadas em dois rituais específicos, denominados, respectivamente de "Apoti" e "Agajô". No ritual de "Apoti" onde são oferecidas a todos os orixás, mas, especialmente, ao Orixá de Ory. Segundo o Babalorixá Roberto de Xangô (com. pes.), salvo alguma orientação específica, neste caso, referendado pelo Babalorixá Ricardo de Ogum (com. pes.) poderá a branca ser sacralizada à Orixá Yemanjá, ou outra situação a ser determinada! Como regra geral, de acordo com o Babalorixá Roberto de Xangô (com. pes.), não há restrições em termos de cores para as ovelhas a serem utilizadas. Por outro lado, para Babalaôs e Yaôs em apronte recomenda-se, respectivamente, macho inteiro e fêmea. De mesma forma, quando o adepto tiver a necessidade de realizar uma "troca de órgãos", particularmente, sistema reprodutor, deverá fazê-lo com o animal de seu respectivo sexo! O ritual de "Agajô", por sua vez, guarda relação com homenagem ao Bará de mesmo nome – ou Aganju, este considerado, por Verger (2002) e aceito em inúmeras bacias africanistas, como a passagem mais jovem de Xangô, conforme Verger, (2002), diferentemente da Umbanda Nagô que o identifica como um Bará – evidencia-se a influência Jeje que considera os Barás como Voduns e não como Orixás, consonante com o pensamento de Verger (2012) – que não teria apresentado uma passagem física pelo plano terrestre, relacionando-se com tratamentos de saúde.

Capra hircus Linnaeus, 1758 – de acordo com o Babalorixá Ricardo de Ogum (com. pes.), o cabrito "amarelo" será objeto de oferta a Orixá Oxum. O cabrito branco poderá ser ofertado (sacralizado), conforme o Babalorixá Ricardo de Ogum (com. pes.) a Yemanjá. O cabrito "vermelho", de acordo com o Babalorixá Marçal de Xangô (com. pes.) será sacralizado para os Orixás Yansã, Ogum e Oxóssi.

Bos taurus Linnaeus, 1758 – o touro é apontado pelo Babalorixá Marçal de Xangô (com. pes.) como animal de sacralização ao Orixá. Ainda, de acordo com este Babalorixá, o primeiro touro poderia ser sacrificado quando a bacia contasse com no mínimo sete casas (Ilês), condição já condizente na atualidade, porém, sem que nenhuma

iniciativa tenha sido tomada nesta direção. Dentes incisivos desta espécie são empregados na confecção de guias associadas à linha de Caboclos, conforme figura 3.



Foto: acervo pessoal do autor, 2019.

Figura 3. Guia confeccionada com dentes incisivos de bovinos, consagrada à Linha de Caboclos.

Sus scrofa Linnaeus, 1758 – o termo javali serve para designar as espécies selvagens do gênero *Sus*, reservando-se o nome de porco (suíno) para as raças domésticas. A origem do javali remonta há vários milênios, sendo, por conseguinte, um animal muito antigo, retratado nos desenhos rupestres dos homens das cavernas. O javali se constitui no ancestral do porco doméstico, que resultou de vários cruzamentos, acabando por se transformar em um animal completamente diferente daquele que o originou (LUI, 2000). Os animais provenientes do cruzamento entre o javali e o porco doméstico são híbridos férteis (2n=37), estes podem se reproduzir entre si, ou com javalis puros ou mesmo com suínos domésticos e originar animais com três diferentes números cromossômicos: 36, 37 e 38. Os espécimes com 2n=38 são conhecidos popularmente como

javaporco (BOSMA, 1976). Existem várias diferenças morfológicas entre o javali e o porco doméstico devido aos efeitos da seleção artificial. No javali, a cauda é sempre reta, o focinho e as patas são escuros, havendo a presença de crina e pêlos longos no corpo. A altura dos membros torácicos é ligeiramente maior que dos pélvicos, além de ser um animal mais alto e mais curto que o porco doméstico (NOWAK, 1999). O suíno (termo zootécnico) é sacralizado ao "povo da rua", sendo costumeiro sua sacralização por ocasião da realização do Apoti; neste caso, conforme a Yalorixá Patricia de Yemanjá (com. pes.) e o Babalorixá André de Oxalá (com. pes.), o animal preto será ofertado para os Exus 7 da Lira (este Exu recebe também o malhado) ou Táta Caveira, o vermelho para Exus e Pombas-giras em geral, o rosado ou branco para à Orixá Nanã (Nanã Buruquê) – único Orixá a receber este tipo de animal em sacralização – e os demais conforme indicação (figura 4).



Foto: acervo pessoal do autor, 2019.

Figura 4. Exemplares de *Sus scrofa* Linnaeus, 1758. A) malhado, consagrado ao Exu 7 da Lira; B) vermelhos, consagrados as Pombas-gira e Exus em geral; C) rosado ou branco, consagrado à Orixá Nanã (Nanã Buruquê); e D) preto consagrado ao Exú Táta Caveira.

Podem ocorrer variações conforme a situação se apresente (condição não aplicável aos animais pretos e malhados), assim como, será sacralizado um, ou mais, animal(is) por entidade, nunca um mesmo animal será apresentado a duas, ou mais, entidades simultaneamente. Dentes caninos poderão compor guias, conforme se observa na figura 5.



Foto: acervo pessoal do autor, 2018.
Figura 5. Guia com dente canino de suíno, *Sus scrofa* Linnaeus, 1758.

Crassostrea gigas (Thunberg, 1793) – suas conchas (figura 6) são, costumeiramente, empregadas na composição de guias associadas a Orixá Yemanjá. Possui, como sinonímias mais relevantes, *Crassostrea angulata* (Lamarck, 1819) Menzel, 1974 e *Ostrea gigas* Thunberg, 1793. Segundo Poli (2004), trata-se de uma espécie exótica e foi introduzida pela primeira vez no Brasil no município de Cabo Frio, Rio de Janeiro, em 1974. Esta espécie tem sido utilizada nos cultivos de ostras em escala comercial no país, devido ao seu rápido crescimento, facilidade de adaptação, bom rendimento de carne, além do amplo conhecimento biológico mundialmente disponível. As espécies brasileiras, *C. brasiliana* (Lamarck, 1819) (sinonímia para *C. gasar* (Adanson, 1757)), *C. rhizophorae* (Guilding, 1828), e *Ostrea equestris* Say, 1834, ambas citadas para o litoral paranaense por Absher et al. (2015); sendo, ainda, *C. rhizophorae* citada juntamente com *C. gigas* (Thunberg,

1793) e *Ostrea equestris* Say, 1834 referidas por Lindner (2014) como ocorrentes no litoral catarinense apresentam as mesmas possibilidades de uso litúrgico de *C. gigas* (Thunberg, 1793).



Foto: acervo pessoal do autor, 2018.
Figura 6. Exemplar de *Crassostrea gigas* (Thunberg, 1793). VE = vista externa; VI = vista interna.

Cypraea moneta Linnaeus, 1758, *Monetaria annulus* (Linnaeus, 1758), *Monetaria caputserpentis* Linnaeus, 1758, e *Cypraea tigris* Linnaeus, 1758 – a religião afro-brasileira da Umbanda Nagô, o búzio (figuras 7 e 8) é o molusco mais sagrado, representando força, poder e sabedoria e com isto, sendo utilizado, por exemplo, para a confecção das guias de Mãe Menor, Mãe Maior e de Ifá, além de outros adereços de cunho ritualístico. No axé de Búridos (um axé para prosperidade), são colocados "casais" de búzios em número par de até 14 conjuntos, acrescidos de uma "ponta" que poderá ser uma fêmea ou um macho (figura 7), conforme orientação do Babalorixá ou da Yalorixá, sendo, neste caso, adotada a espécie *Cypraea moneta* Linnaeus, 1758. Mais raramente, se observadas características morfológicas da concha, que o possibilitem, poderão ser empregados da mesma forma exemplares de *Monetaria annulus* (Linnaeus, 1758). Estes búzios possuem uma interessante característica, qual seja, apesar de serem fisicamente apenas conchas, eles podem passar por inexplicáveis reversões sexuais e mesmo adoecerem, conforme explicado e demonstrado pelo Babalorixá Roberto de Xangô em análise do axé do autor desta investigação. Esta espécie apresenta uma concha que expressa uma variação muito grande, pelo que se encontram exemplares quer com diferentes cores, como também de

forma, como se evidencia na figura 7. O búzio africano (figura 7), *Cypraea caputserpentis* Linnaeus, 1758, posteriormente transferido para o gênero *Monetaria caputserpentis* Linnaeus, 1758 (possui *Erosaria caputserpentis* Linnaeus, 1758 como sinonímia) apresenta uso em guias, particularmente a de Yfá, porém, com uma conotação de riqueza em face de seu valor econômico superior ao das espécies anteriores. O búzio imperial (gigante), *Cypraea tigris* Linnaeus, 1758 aparece, eventualmente, como decoração ou associado (raramente) no Acutá (pequena bacia com elementos minerais que realiza a conexão simbólica entre o Ory do adepto e os Orixás).



Foto: modificado de Silva (2006).

Figura 7. Conchas do Gastropoda *Cypraea* Linnaeus, 1758, conhecido como búzio. Observe-se a morfologia das conchas das duas fileiras superiores, onde os indivíduos 1 e 2 são considerados, ritualisticamente, machos, enquanto 3 e 4 seriam fêmeas. Os indivíduos 5 e 6, por sua vez, estariam em uma condição intermediária, representando uma reversão sexual. Exemplares identificados como Cm integram a espécie *Cypraea moneta* Linnaeus, 1758; os Mc (última linha) correspondem ao búzio africano, sendo representantes de *Monetaria caputserpentis* Linnaeus, 1758. O espécime assinalado com uma "?" se constitui, possivelmente, em uma das variantes de *C. moneta*,



Foto: mosaico oriundo do acervo pessoal do autor, 2018.

Figura 8. Imagem a esquerda assinalando guias contendo conchas e pérolas (sintéticas). A) exemplar de *Gemophos auritulus* (Link, 1807); B) exemplares de *Cypraea moneta* Linnaeus, 1758 compondo uma Guia de Mãe Menor; e C) pérolas sintéticas que remetem às verdadeiras (igualmente associadas, neste caso, a uma Guia de Mãe Menor) e, com isto, sua associação com *Crassostrea gigas* (Thunberg, 1793) e outras espécies de ostras. Em destaque, igualmente, uma guia com cristais azuis remetendo a Orixá Yemanjá, por sua cor, a presença de pérolas e a presença da concha (A) de *G. auritulus*. Imagem a direita indicando cobertura feminina de Yalorixá, contendo búzios de *C. moneta* e abaixo uma Guia de Yfá constituída, costumeiramente, por búzios de *C. moneta*.

Gemophos auritulus (Link, 1807) – espécime (figura 8) que pode se fazer presente em guias, primordialmente associadas à Orixá Yemanjá; muito embora outras espécies possam, igualmente, concorrer para tal uso, como *Stramonita rustica* (Lamarck, 1822) e representantes juvenis de *Pachycymbiola brasiliana* (Lamarck, 1811).

Pachycymbiola brasiliana (Lamarck, 1811) – o espécime, em tamanho pequeno, poderá ser empregado em guias, predominantemente associadas à Orixá Yemanjá; enquanto as grandes (figura 9) são empregadas, basicamente, em quatro momentos, a saber: rituais de batizado, ritual de Lava-pés, ritual de bênção das águas por ocasião da festa de homenagem a Yemanjá, e no Jogo-de-concha – jogo divinatório como o jogo de búzios, mas, com outros princípios.

Primordialmente registramos a presença desta espécie com uso, conforme já referido anteriormente, porém, conforme se observa, o uso ritualístico estaria associado a concepção de uma concha grande e proveniente de uma espécie marinha, por conseguinte, não se descartando o possível uso, também, de *Zidona dufresnei* (Donovan, 1823) e *Strombus pugilis* Linnaeus, 1758, dentro outras espécies.



Foto: acervo pessoal do autor, 2017.

Figura 9. Exemplares de conchas de *Pachycymbiola brasiliana* (Lamarck, 1811), junto com outas espécies (aqui decorativas) posicionados no Peji (altar) junto às representações materiais dos Orixás Yemanjá e Oxalá!

Voluta ebraea Linnaeus, 1758 – um exemplar é mantido no Alujá (local de trabalho com entidades da linha de Exu), compondo um castiçal (figura 10) posicionado em frente a imagem do(a) Mentor(a) da Magia daquele Templo, conectando aquele ambiente à Orixá Nanã! Tal simbolismo decorre da ideia de que Nanã (Nanã Buruquê) seria considerada a avó de Exu, caminhando entre os de sua linha e os Eguns.



Foto: acervo pessoal do autor, 2019.

Figura 10. Exemplar de concha de *Voluta ebraea* Linnaeus, 1758 compondo o castiçal que vincula a Orixá Nanã com o Alujá!

Megalobulimus oblongus Muller, 1774 – essa espécie de caracol do mato, "vegetariano", simboliza a fecundidade, principalmente nas oferendas para Oxalá (BABALORIXÁ MARÇAL DE XANGÔ, com. pes.), mas pode também ser usado para Yemanjá (SILVA, 2006). Os Ìgbín ou ibí (figura 11) surgem como animal de oferenda a Oxalá. Conforme Cacciatori (1988) trata-se da comida predileta de Oxalá, Orixá ligado à criação da Terra e dos homens. Como ele é identificado como um Orixá funfun (ou velho), não se alimenta de carne com sangue, sendo dado a ele esse gastrópode como sacrifício. Conforme Silva (2006) e Léo-Neto et al. (2012), é chamado de "Boi de Oxalá" (a espécie possui esse nome devido à presença de dois tentáculos, em sua cabeça, que se assemelham a chifres, daí advindo a designação de boi), "Boi Manso de Sangue Branco" nas oferendas do Fanti-Ashanti, nação de Candomblé praticado no Maranhão, enquanto que a Yalorixá Vera de Ogum (com. pes.) o cita como "Cavalo de Oxalá", reconhecendo-o, porém, relatando que a Umbanda Nagô não pratica a sua sacralização. É possível que na África o Ìgbín fosse identificado com *Achatina fulica* Bowdich, 1822 (figura 11), espécie atualmente invasora e considerada como praga no Brasil. Os escravos aqui aportados devem ter identificado as espécies de *Megalobulimus* K. Miller, 1878 como um animal substitutivo aquele que estavam acostumados em

território africano. Pelo menos outras três espécies possuem ocorrência para Santa Catarina e, muito possivelmente, para o Rio Grande do Sul, a saber, *Megalobulimus grandis* (Martens, 1885), *M. proclivis* (Martens, 1888), e *M. gummatus* (Hidalgo, 1870), podendo, então, desempenhar o mesmo papel de *M. oblongus* Muller, 1774, mais costumeiramente observada na região metropolitana de Porto Alegre.



Foto: acervo pessoal do autor, 2018.

Figura 11. A) *Achatina fulica* Bowdich, 1822; B) *Megalobulimus oblongus* Muller, 1774.

A espécie *Achatina fulica* Bowdich, 1822 (Stylommatophora), conhecido como caracol africano, não possui, ainda, ocorrência registrada no RS, por isto, muito provavelmente sendo desconhecido desta bacia religiosa que acaba dando corpo aos mitos através das espécies que compõe o gênero *Megalobulimus* K. Miller, 1878. Observações pessoais deste pesquisador, em investigação paralela (em andamento) específica para um comparativo de peculiaridades entre *A. fulica* e *M. oblongus* e demais espécies deste gênero, revelam que a concha de *A. fulica* possui significativa fragilidade em face da espessura da parede da mesma, visto que o metabolismo de cálcio consumido parece estar muito mais direcionado para o crescimento desta do que o seu fortalecimento, com isto, não somente pelo tamanho que possa vir a apresentar (harmonia e estética), mas também por sua vulnerabilidade estrutural, se tornaria de pouco uso na composição de guias (fios de contas).

Tabela 2. Animais totêmicos na Umbanda Nagô – com marco no Ilê Reino de Yansã e no Ilê Reino dos Orixás.

Nome popular	Taxonomia	Entidade relacionada
Abelha	*Apis mellifera* Linnaeus, 1758 (Apidae)	Orixá Oxóssi
Barata	Ordem Blattaria	Exu Marabô*
Borboleta	Ordem Lepidoptera	Pomba-gira das Borboletas*, Pomba-gira 7 Saias*
Búfalo	*Syncerus caffer* (Sparrman, 1779) (Bovidae)	Orixá Iansã
Cavalo	*Equus caballus* Linnaeus, 1758 (Equidae)	Exu Cigano Yago*, Pomba-gira Cigana*, Exu Veludo*
Cão	*Canis lupus familiaris* Linnaeus, 1758 (Canidae)	Exu Cigano Yago*, Exu Tiriri* e Orixá Ogum
Cobra (não específica)	Subordem Ophidia	Pomba-gira Africana*
Cobra caninana	*Spilotes pullatus* (Linnaeus, 1758) (Colubridae)	Exu Caninana*
Cobra coral	*Micrurus* spp. (Elapidae)	Exu Cobra Coral* e Cacique Cobra Coral*
Coruja	Ordem Strigiformes	Orixá Nanã
Escorpião	Ordem Scorpionida	Exu Tiriri*
Gato	*Felis catus* Linnaeus, 1758	Pomba-gira-da-mata
Lagarto	Subordem Lacertilia	Exu 7 Encruzilhadas*
Leão	*Panthera leo* (Linnaeus, 1758)	Pomba-gira Zulu* e Orixá Xangô
Leopardo negro (Pantera negra) [1] (figura 12A)	*P. pardus* (Linnaeus, 1758) (Felidae)	Mentor da Magia do Templo, Exu Marabô*
Jaguar (Puma, Suçuarana) (figura 12B)	*Puma concolor* (Linnaeus, 1771) (Felidae)	Xamã Xalana*
Porco	*Sus scrofa* L.	Pomba-gira Maria Navalha*
Rato (não específico)	Família Muridae (possivelmente, também a Família Cricetidae)	Pomba-gira Mulambo*
Sapo	Ordem Anura	Maria Padilha*

* Exus e Pombas-giras devem ser compreendidos como seres que vivenciaram, como regra geral, uma passagem humana (sua última encarnação) costumeiramente em território brasileiro. Eles retornam ao plano físico em busca de elementos materiais que os satisfaçam e em troca prestam favores para seus adeptos (CARNEIRO, 1991).

[1] No caso deste animal totêmico, em particular, sua representação imagética se dá por duas esculturas (em concreto, com altura de aproximadamente 0,60 m) de uma Pantera-negra, posicionadas, cada uma em uma lateral da imagem representativa do(a) Mentor(a) da Magia do Templo, atuando como suas guardiãs.



Foto: mosaico elaborado pelo autor com imagens de autoria desconhecida!

Figura 12. Animais totêmicos associados ao Mentor da Magia de cada templo e ao Xamã Xalana, respectivamente: A) Leopardo-negro, *Panthera pardus* (Linnaeus, 1758) (Felidae); e B) Jaguar, *Puma concolor* (Linnaeus, 1771) (Felidae). A imagem B se constitui em escultura de origem Asteca representando o referido totem.

Cabe, neste momento, retomar a questão de um Orixá relacionado com os animais e, neste sentido, o estudo de Pires (2015) apresenta Simiromba como uma das expressões da Umbanda (esotérica, omolocô, simiromba, e cruzada, dentre outras), portanto, não sendo um Orixá em si! Por conseguinte, cria-se um impasse a luz da crença do Babalorixá Roberto de Xangô e da Yalorixá Patricia de Yemanjá que aceitam e preconizam a existência de um Orixá, denominado Simiromba, sincretizado com São Francisco de Assis! Existe aqui, a crença de dois sacerdotes, mas não se consegue, além disto, referências bibliográficas que suportem uma discussão da temática em si! Informações desencontradas associam este ser a uma linha que trabalharia com aqueles que tenham exercido o sacerdócio na terra – frades, freiras, e padre dentre outros, considerando-o como uma "reencarnação" de São Francisco de Assis, porém, sem evidenciar as peculiaridades deste em relação ao cuidado e proteção dos animais.

Seguindo nas demais análises, tem-se em Pereira (2014), um importante estudo relacionando o uso de moluscos pelas religiões afrobrasileiras como parte da diáspora negra; neste sentido revelando interessante correlação com aqueles que foram identificados no presente estudo. Note-se que o presente estudo se passa no contexto de Porto Alegre – RS, enquanto a pesquisa de Pereira (2014) se processa no Rio de Janeiro – RJ, com isto evidenciando que, também, este aspecto representa uma expressão cultural que permeia os

diferentes cultos aos Orixás existentes em território nacional.

Teles et al. (2013), trazem um importante estudo, embora com ótica diferenciada, mas, onde se observa o uso místico-religioso de animais, com alguns espécimes apresentando uma correlação com a listagem, neste estudo, apresentada.

O totemismo, citado no âmbito da tabela 2, é dominado, conceitualmente, pela noção de um princípio quase divino imanente a certos elementos animais. Assim sendo, define-se por um conjunto de ideias e práticas baseadas na crença de um parentesco místico entre os homens e animais que constituem o totem, o que fica plenamente evidenciado quando se relaciona a entidade Pantera-negra (Exu, não confundir com o personagem das HQ's da Marvel Comics) com uma ancestralidade no animal *Panthera pardus* (Linnaeus, 1758) (Felidae).

Fundamental, na fala do Babalorixá Roberto de Xangô (com. pes.) a respeito de confusão estabelecida com a entidade Exu Pantera-negra e as representações materiais existentes no Alujá. Neste sentido, o Exu Pantera-negra possui, efetivamente, um totemismo com o animal *P. pardus*, porém, não se relacionando com as imagens presentes no Alujá, que, segundo este Babalorixá, se apresentam como guardiãs e defensoras do(a) Mentor(a) da Magia do Templo, daí a razão de serem duas, cada uma posicionada de um lado daquele(a).

Conclusões

Foram identificados, enquanto animais de uso efetivo, vinte espécies agrupadas em treze famílias – Actinopterygii, por ser *taxon* superior, não apresentou família referencial; destacando-se Cypraeidae com quatro espécies referenciais, seguida de Bovidae com três espécies. Porém, ao se considerar espécies não listadas, mas citadas no texto, amplia-se para trinta e três espécies, integrando então dezessete famílias (permanece a condição de Actinopterygii); mudando então para a predominância de Cypraeidae, Megalobulimidae, e Ostreidae, todas com quatro espécies, seguidas de Bovidae, Pimelodidae e Volutidae com três espécies.

Mas, a questão não se encerra, visto que existem ainda os animais totêmicos, os quais se constituem de dezenove morfoespécies, tendo em vista, não ser possível apurar efetivamente algumas espécies, com isto sendo citadas apenas os *taxa* superiores como Ordem, Subordem e Família.

No Brasil, ainda são poucos os trabalhos com etnozoologia relacionados com a religiosidade de matriz africana, o que dificulta a realização de análises e discussões específicas mais profundas. Os estudos com etnozoologia são importantes porque podem identificar padrões no uso de animais, e por meio desta ação pode se tomar medidas úteis na elaboração de planos de manejo para casos em que possam estar presentes espécies nativas integrantes de listas de vulnerabilidade.

Diante do exposto até aqui fica claro que, dentre os demais grupos e considerando que se destacaram quantitativamente em decorrência do número de espécies empregadas (um total de doze foram elencadas), os moluscos podem ser lidos não apenas como elementos materiais da Umbanda Nagô, mas também a forma ritual de utilização como uma das contribuições dos africanos e seus descendentes para a cultura brasileira, em especial as religiões de matrizes africanas. Assim, torna-se claro perceber que também os moluscos africanos utilizados na atualidade são consequências da diáspora negra, o que nos permite inferir que, também tenha se realizado uma diáspora animal. Esta dispersão também pode ser identificada na bioinvasão do "Boi de Oxalá" (*Achatina fulica* Bowdich, 1822) em terras brasileiras e nas dificuldades de combater a invasão que se alastrou pelo país, muito embora sua introdução não possua absolutamente nenhuma relação com a diáspora negra, apenas se expressando como um exemplo paralelo.

Assim, uma das formas de compreender o legado negro da escravidão encontra-se na análise da cultura material, como foi aqui realizado com os animais, como forma de expressão da reinvenção ou manutenção que as religiões afro-brasileiras passaram e ainda passam. Este estudo não representa um fim em si mesmo, haja vista a possibilidade de reinterpretações dos dados coletados, assim como a sua ampliação.

Referências

ABSHER, T. M. FERREIRA-Jr., A. L.; CHRISTO, S. W. Conchas de Moluscos Marinhos do Paraná. Rio de Janeiro: Publiki, 2015.

AGUDO-PADRÓN, A. I. Inventario sistemático revisado y actualizado de los moluscos marinos ocurrentes en el Estado de Santa Catarina, Brasil. Revista Brasileira de Gestão Ambiental e Sustentabilidade, n. 2, v. 2, p. 59-75. 2015.

AGUDO-PADRÓN, A. I. Threatened freshwater and terrestrial molluscs (Mollusca, Gastropoda et Bivalvia) of Santa Catarina State, Southern Brazil: check list and evaluation of regional

threats. Biodiversity Journal, n. 2, v. 2, p. 59-66. 2011.

ALVES, R. R. N.; SOUTO, W. M. S.; MOURÃO, J. S. A Etnozoologia no Brasil: importância, status atual e perspectivas. Recife: NUPEEA. 2010.

BARÁ, Babalorixá D. de. História da Nação Batuqueira – Jeje Ijexá. S/d. Disponível on line em <https://sites.google.com/site/iledebaraexango/0/historia-da-nacao-batuqueira---jeje-ijexa>. Acesso em 19 abr. 2016.

BEGOSSI, A. Ecologia humana: um enfoque das relações homem-ambiente. Interciencia, n. 18, v. 3, p. 121-132. 1993.

BORGES, A. Valores hematológicos e bioquímicos séricos, efeitos de doses subletais da cipermetrina e características físico-químicas do sêmem do Jundiá *Rhamdia quelen*. Porto Alegre, 2005. 175f. Tese (Doutorado em Ciências Biológicas) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

BOSMA, A. A. Chromosomal polymorphism and G-banding patterns in the wild boar (*Sus scrofa* L.) from the Netherlands. Genetica, v. 46, p. 391-399. 1976.

BOTELHO, Denise. Religiosidade afrobrasileira e o meio ambiente: vamos cuidar do Brasil: conceitos e práticas em educação ambiental na escola. Brasília/UNESCO, 2007.

CACCIATORI, O. G. Dicionário de cultos afro-brasileiros. 3ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.

CARNEIRO, E. Religiões negras e Negros bantos. 3ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

FUMIHITO A.; MYIAKE, T.; TAKADA, M.; SHINGU, R.; ENDO, T.; GOJOROBI, T.; KONDO, N.; OHNO, S. Monophyletic orign and unique dispersal patterns of domestic fowls. Proceedings of the National Academy of Sciences, v. 93, n. 13, p. 6792-6795. 1996.

LEE, J. S. Commercial catfish farming. Danville: Interstate, 1991. 330p.

LÉO-NETO, N. A.; VOEKS, R. A.; DIAS, T. L. P.; ALVES, R. R. N. Mollusks of Candomblé: symbolic and ritualistic Importance. Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine, v. 8, p. 1-10. 2012.

LINDNER, A. (Org.). Vida Marinha de Santa Catarina. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014.

LUI, J. F. Estudo citogenético de javalis puros (*Sus scrofa scrofa*) e híbridos nas regiões sudeste e sul do Brasil. Revista de educação continuada CRMV-SP, v.3, n. 1, p. 43-48. 2000.

NOWAK, R.M. Walker's mammals of the world. Baltimore: John Hopkins University Press, 1999.

PERRINS, C. M. Firefly encyclopedia of birds. Buffalo: Firefly Books, 2003.

PIRES, H. K. G. Dualismos e dualidades nas experiências umbandistas em um terreiro no Rio Grande do Sul. Santa Maria, 2015. 162f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Santa Maria, 2015.

POLI, C. R. Cultivo de ostras do Pacífico (*Crassostrea gigas*). In: POLI, C. R.; POLI, A. T. B.; ANDREATTA, E. R.; BELTRAME, E. (Orgs.). Aquicultura: experiências brasileiras. Florianópolis: Multitarepa, p.251-266. 2004.

PRANDI, R. Segredos guardados: Orixás na alma brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. 328p.

ROCHA, M. M. da. Ogum. Revista Kàwé, n. 02, p. 14-17. 2001. Disponível on line em: <http://www.uesc.br/nucleos/kawe/revistas/Ed_02/ogum.pdf>. Acesso em 22 Fev. 2019.

SILFVERGRIP, A. M. C. A sistematic revision of the neotropical catfish genus *Rhamdia* (Teleostei, Pimelodidae). Stockholm, Sweden, 1996. 156p. (PhD Thesis) - Department of Zoology, Stockholm University and Department of Vertebrate Zoology, Swedish Museum of Natural History, 1996.

SILVA, M. C. Conhecimento científico e o saber popular sobre os moluscos nos Terreiros de Candomblé de Recife e Olinda, estado de Pernambuco. 2006. 111 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.

TELES, D. A.; RODRIGUES, J. K.; TELES, E. A. Uso místico-religioso da fauna comercializada em feiras livres nos municípios de Crato e Juazeiro do Norte, Ceará, nordeste do Brasil. Etnobiología, n. 11, v. 3, p. 28-33. 2013.

VERGER, P. F. Os Orixás. Salvador: Corrupio, 2002.

VERGER, P. F. Notas sobre o culto aos orixás e voduns na Bahia de Todos os Santos, e na antiga costa dos escravos na África. São Paulo: EDUSP, 2012.

WILSON, E. O. Biofilia. Fondo de Cultura Económica, México, D.F., México, 1989. 283p.